A PATOLOGIZAÇÃO E MEDICALIZAÇÃO DA VIDA PRESENTES NA OBRA "O ALIENISTA", DE MACHADO DE ASSIS

Brenda Caroline Vidotto da Mata, Debora Inacia Ribeiro.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, brenda.carolmata@gmail.com, debora.ribeiro@univap.br.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o livro "O Alienista", de Machado de Assis, relacionando-o com os debates a respeito da medicalização e patologização da vida no contexto de saúde mental a partir de um referencial teórico da Psicologia Fenomenológica-Existencial. Para tal, serão abordados autores pioneiros na discussão, como Ivan Illich e Michel Foucault, além de diferentes definições para os dois termos e conceitos advindos da abordagem, como *ampliação de possibilidades* e *ilusão*. A partir disso, espera-se propor uma reflexão crítica acerca do modo como experiências emocionais, atitudes e comportamentos são tratados na atualidade.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica-Existencial. Literatura Nacional. Patologização. Medicalização.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Psicologia.

Introdução

"O Alienista" é um conto/novela escrito por Machado de Assis e publicado pela primeira vez no ano de 1882. O livro em questão narra uma história que se passa na cidade fictícia de Itaguaí e acompanha o protagonista Dr. Simão Bacamarte, um psiquiatra que constrói uma casa de internação - a Casa Verde - para *loucos*. A partir daqui ele passa a modificar e ampliar os critérios da loucura com frequência, até que grande parte da população se enquadra em tal crivo e é internada (Assis, 1994). Apesar de ter sido lançado há mais de um século, o texto traz críticas pertinentes à forma como a sociedade atual lida com a saúde mental, de modo que contribui para um debate crescente na área da psicologia: a patologização e medicalização da vida. Esta discussão, por sua vez, é muito presente na abordagem Fenomenológica-Existencial tendo em vista que uma das principais questões levantadas pelo movimento é o aumento significativo no número de diagnósticos psicológicos em todo o mundo (Nações Unidas, 2025). E a Psicologia Fenomenológica-Existencial se posiciona de maneira crítica quanto ao enfoque em classificações (como dos transtornos mentais) no cuidado com o sofrimento psíquico, pois entende que esses dispositivos pressupõem que o psiquismo humano segue uma lei geral, ignorando a complexidade e singularidade de cada um (Feijoo, 2008).

Desse modo, existem materiais que exploram as tendências medicalizantes e patologizantes a partir de um olhar fenomenológico-existencial, ou que relacionam o livro de Machado ao debate da medicalização/patologização, mas a literatura que articule esse debate com a abordagem em questão e o conto machadiano é escassa. Por isso o presente artigo tem como objetivo analisar a obra "O Alienista", de Machado de Assis, a partir da Psicologia Fenomenológica-Existencial, relacionando-o com a discussão a respeito da patologização e medicalização da vida dentro do contexto dos transtornos mentais.

Metodologia

Este trabalho se trata de uma revisão narrativa, uma categoria textual que reúne diferentes fontes com o objetivo de descrever e contextualizar o avanço do conhecimento científico produzido sobre um objeto de estudo em especial, que, neste caso, é a patologização e medicalização da vida (Ogassavara et al., 2023). Optou-se por elaborar esse texto nos moldes da revisão narrativa por haver maior liberdade na escolha dos materiais a serem utilizados como referências, sendo possível eleger

obras relevantes sem a obrigatoriedade de um método de seleção de artigos acadêmicos rígido e sistemático (Casarin et al, apud Ogassavara et al., 2025).

Sendo assim, os textos selecionados foram: o livro “O Alienista”, que se encontra disponível para *download* gratuitamente, pois está em domínio público; trabalho de Ana Maria Feijoo, que é um dos nomes mais relevantes da Psicologia Fenomenológica-Existencial do Brasil na atualidade; “A História da Loucura”, de Michel Foucault, que é a considerada uma das obras fundamentais a discussão da patologização e medicalização da vida; o livro “A Expropriação da saúde: Nêmesis da medicina”, de Ivan Illich, um pensador sempre citado no debate; entre outros artigos encontrados no Google Acadêmico relacionados ao tema central dessa análise.

Resultados

Simão Bacamarte, protagonista da obra “O Alienista”, classificou, logo no início da história, os internos da Casa Verde em duas categorias principais: os furiosos e os mansos. Depois, os dividiu em subclasses como monomaníacos, delirantes e alucinados. Além desses, são também mencionados outros termos para se referir a grupos de pessoas que ele considerou loucas, como aqueles com mania de grandeza e os loucos por amor. Apesar de salientado em diferentes momentos do livro que o alienista era muito estudioso – logo nas primeiras páginas é mencionado que ele “mal dormia e mal comia”, de tanto que trabalhava e estudava - ele aparenta possuir um saber estritamente técnico ao apontar quem são os normais e quem são os anormais. Isso porque ele olha apenas para os sintomas presentes nos demais personagens, ignorando seus contextos. Um exemplo é o caso da “Prima do Costa”, que foi recolhida após explicar para o médico que ela acreditava que a suposta loucura de seu primo, o próprio Costa (que foi levado à Casa Verde por ser considerado generoso e bobo demais: possuía uma grande herança que se extinguiu em poucos anos pois ele emprestava dinheiro para muitas pessoas e quando não o pagavam de volta, ele perdoava as dívidas), era, na verdade, resultado de uma maldição de um escravo que falou que tal fortuna não duraria mais do que 7 anos. A mulher foi classificada como alienada imediatamente apenas por compartilhar que tinha crença no poder da maldição (Assis, 1994).

Diante desse cenário, é possível introduzir e contextualizar o conceito de medicalização e patologização, além de basear a discussão no olhar da Psicologia Fenomenológica-Existencial. A medicalização da existência pode ser definida como a transformação de questões relacionadas a diversos fatores econômicos, sociais, políticos, históricos e culturais em problemas da ordem médica, como se o contexto em que o sujeito se encontra não tivesse nenhuma repercussão sobre a saúde mental (Fernandes, 2023). O termo em questão aparece com frequência atrelado à palavra “patologização” e eles são entendidos por muitos como sendo sinônimos, mas alguns autores alertam para a diferença entre eles (Collares, Moysés e Ribeiro apud Potente; Felippe, 2024). Para Collares, Moysés e Ribeiro, a expressão “medicalização” é muito utilizada pois a biologização da saúde emocional foi por muito tempo realizada principalmente por médicos, mas atualmente consideram mais adequado usar “patologização”, que é mais amplo, tendo em vista que o crescimento do fenômeno trouxe consigo outros profissionais que também o protagonizam agora – incluindo os psicólogos (Potente; Felippe, 2024).

Para Ivan Illich (1975), um dos pioneiros nos debates da medicalização da vida, ela é um elemento nocivo que expande as intervenções médicas para além de o limite do necessário, de modo que leva malefícios às pessoas, que são vistas como produtos e não como sujeitos, além de retirar delas sua autonomia. Já Peter Conrad, um sociólogo de grande relevância na disseminação da expressão, ela se refere ao ato de classificar comportamentos como problemas médicos e delegar à medicina o papel de tratar esse comportamento ou a um processo no qual “problemas não médicos passam a ser definidos e tratados como problemas médicos, frequentemente em termos de doenças ou transtornos” (Zorzanelli; Ortega; Bezerra Júnior, 2014).

Sendo assim, alguns autores salientam que, apesar de o grande aumento de uso de remédios psiquiátricos seja um dos sintomas da medicalização da sociedade, medicalização não é sinônimo de consumo desnecessário e de forma abusiva de medicações, afinal, é possível haver indivíduos medicalizados que não tomam nenhum psicofármaco, mas são tratados nas diversas terapias que existem hoje em dia (Oliveira; Harayama; Viégas apud Potente; Felippe, 2024). Eles afirmam ainda que o processo de patologização da vida está necessariamente inserido no processo da medicalização (considerando a patologização como sendo o ato de explicar a complexidade humana através de

psicopatologias), mas que nem toda medicalização atua de forma patologizante (Oliveira; Harayama; Viégas apud Potente; Felippe, 2024).

Ademais, é inevitável mencionar Foucault, que protagonizou o pioneirismo das críticas às estruturas medicalizantes e patologizantes com seu livro "A história da loucura", mesmo sem fazer uso dessas expressões. Sua obra retrata como o que, nos dias de hoje, entendemos como loucura e transtornos mentais foi visto ao longo dos anos, iniciando pelo século XV. O teórico explica como pessoas com comportamentos tidos como desviantes do padrão foram vistas pela sociedade em diferentes momentos da história, demonstrando a ideia de que a loucura é um problema de saúde surgido há pouco tempo, pois nem sempre existiu a relação "louco - médico", a medicina se apropriou dessa questão e criou categorias de transtornos psicológicos para encaixar aqueles que não se adaptam à rotina social e não produzem como esperado (Foucault, 1978). Este escrito embasou os estudos sobre medicalização/patologização.

A Psicologia fenomenológica-Existencial também possui contribuições interessantes para o debate. Autores brasileiros já construíram linhas de raciocínio para refletir sobre a temática a partir de pensadores clássicos da abordagem, como Santos; Silva Júnior e Fontenelle (2018), que relacionam a teoria de Merleau-Ponty com o assunto. Eles apontam que o fenômeno discutido está atrelado a visão hegemônica que se adotou no cuidado em saúde mental em que os corpos dos sujeitos são vistos como máquinas (crítica feita por Merleau-Ponty), e que existe um tipo de corpo considerado ideal e sadio, que é o homem adulto que produz, de modo que qualquer um que fuja dessa expectativa (como crianças, idosos e até outros adultos que não conseguem render tanto) sejam encarados como incompletos ou versões primitivas do ideal. Sendo assim, esses sujeitos desviantes são frequentemente patologizados e medicalizados para que sejam tratados e ajustados (Merleau-Ponty apud Santos; Silva Júnior; Fontenelle, 2018).

Afinal, essa abordagem da psicologia considera que a ampliação de possibilidades, a preservação ou resgate do sentido próprio e a singularidade são requisitos para o bem-estar dos seres humanos (Feijoo, 2008), e os ideais medicalizantes e patologizantes trabalham em prol da massificação, da modelagem em um ideal comum de sujeito, assim, prejudicando as individualidades de cada um.

Discussão

Uma interpretação possível para o protagonista da história, Dr. Simão Bacamarte, é de que ele pode ser lido como uma representação da própria ciência, afinal, ele acredita ser o detentor de toda a verdade, de quem virão todas as respostas para o problema da loucura. Kierkegaard afirmou que a ilusão é o grande mal que aprisiona os seres humanos, e acredita que a libertação para isso está no reconhecimento da existência das próprias ilusões, finitudes e vulnerabilidades (Feijoo, 2008). Bacamarte tem a ilusão de ser o único apto a classificar e estudar aquilo que ele chama de loucura, e que devido a essa aptidão ele é o único que detém o poder de decidir quem deve ser enclausurado no seu manicômio e quem deve permanecer em liberdade. Além disso, também não vê nenhuma fragilidade em seu método, demonstrando o aprisionamento do personagem e da própria ciência em alguns casos (Assis, 1994). Para Feijoo (2008), para exercer um bom trabalho no cuidado em saúde mental é essencial não se guiar pelas próprias ilusões.

No que diz respeito aos personagens que foram considerados alienados, é importante citar dois grupos em específico: os "inconformados" e os "certinhos". Em determinado momento do conto, parte da população de Itaguaí passa a se posicionar contra o médico e organizam uma revolta. Em resposta, o Doutor manda interna-los pois, para ele, não aceitar todos os recolhimentos – a maioria deles causava estranheza nos moradores já que eram pessoas que eles consideravam saudáveis - que ele estava realizando e se rebelar contra sua autoridade era sinal de algum problema nas faculdades mentais. Posteriormente, no entanto, ele decide que os loucos, na verdade, são aqueles que aceitam tudo o que ele impõe sem nenhum questionamento, os obedientes e servientes, de modo que ele coloca seu fiel companheiro, o Boticário – que concordava com tudo que ele propunha com o objetivo de se manter ao seu lado e adquirir algum *status* social – na Casa Verde. Essas duas situações exemplificam facilmente a ideia de medicalização e patologização, afinal, o personagem principal pegou atitudes relacionadas a personalidade própria de cada um, questões sociais, políticas e de metas pessoais e transformou em problemas de ordem médica, atribuindo a elas uma patologia – a loucura (Assis, 1994). Nota-se também a tentativa de padronizar os cidadãos, limitando suas possibilidades, o que, somada

às identificações restritivas promovidas pelo Alienista com seus diagnósticos desenfreados de loucura, contribui para experiências de sofrimento (Feijoo, 2011).

Sob essa mesma ótica, é cabível uma reflexão sobre os critérios subjetivos e variáveis de acordo com o tempo que Bacamarte utiliza para realizar seus diagnósticos, que vão de acordo com sua interpretação e mudam a partir de experiências que ele tem conforme leva mais gente para seu asilo. Não há marcadores biológicos para a maioria dos transtornos descritos no DSM-5, ou seja, não há exames laboratoriais que apontem para um transtorno psicológico, os diagnósticos são feitos utilizando-se de ferramentas psicométricas, requisitos mais "abstratos" que dependem do avaliando e do avaliador e do olhar sensível desse profissional (Albuquerque; Lobato, 2022). Segundo Ancona-Lopez (1984), é mais importante, no contexto do psicodiagnóstico, compreender as particularidades do cliente para desenvolver orientações específicas a ele do que "encontrar" transtornos e encaixá-lo em alguma "caixinha". Porém, em uma era patologizante, comumente o foco de uma avaliação psicológica pode se tornar apenas o ato de diagnosticar. Heidegger já alertou os profissionais da saúde mental sobre as problemáticas envolvidas nessa visão mecanicista de se lidar com a saúde emocional (Feijoo, 2008).

Nesta perspectiva, a Psicologia Fenomenológica-Existencial defende a ampliação da consciência do sujeito sobre si mesmo e sobre suas possibilidades como um caminho para a promoção do bem-estar, mas o simples enquadramento em uma categoria diagnóstica não leva a isso, é necessário que os psicólogos e psiquiatras realizem um trabalho mais aprofundado do que "mandar seus clientes para a Casa Verde" (Feijoo, 2008).

Ademais, Heidegger se opõe fortemente a qualquer objetivação e definição do ser humano, pois compreende que a essência de todas as pessoas está em caráter de abertura que não admite substancialização nenhuma, afinal, os indivíduos são de início coisa nenhuma além de suas possibilidades de ser qualquer coisa, o que demonstra a oposição da abordagem quanto a tendência patologizante (Feijoo, 2008). Sendo assim, não é benéfico reduzir o sujeito a diagnósticos, determinando sua existência a uma categoria, pois é na indeterminação que se encontra a abertura de possibilidades. E o papel do psicoterapeuta e do psiquiatra está em facilitar a ampliação de possibilidades de viver do cliente, e não a redução (Feijoo; Protasio, 2011).

Por fim, é essencial evidenciar que a visão crítica quanto a medicalização/patologização propostas não tem por objetivo negar o cuidado em saúde mental ou o sofrimento psíquico, mas sim questionar a naturalização da soberania do saber médico sob a loucura e outras questões emocionais/comportamentais, que, como é explicado por Foucault, foi construída ao longo do tempo, além de chamar a atenção para o aumento no número de diagnósticos psiquiátricos e no consumo de psicofármacos, apontando para problemas multifatoriais e sociais que vem sendo tratados como questões individuais.

Conclusão

Finalmente, pode-se afirmar que a obra "O alienista", de Machado de Assis, traz, através de sátira, reflexões pertinentes ao cenário atual do campo de saúde mental e é possível relacioná-la com o debate da medicalização/patologização. Esses termos dizem respeito a forma que o saber médico se apropriou de questões diversas que tem origem multifatorial e antes não faziam parte de seu objeto de estudo, mas agora a medicina se encontra em posição de detentora do conhecimento envolvendo tais tópicos (como a loucura); além de a associação de características comuns dos seres humanos a psicopatologias, a depender do autor. Além disso, conclui-se que a Psicologia Fenomenológica-Existencial oferece contribuições diversas para a discussão, promovendo uma visão crítica através de autores clássicos como Merlau-Ponty, Heidegger e Kierkegaard, que demonstram, através de seus conceitos, que a redução do sujeito a sintomas ou a patologias pode levar a diminuição de possibilidades, o que, por sua vez, acarreta em sofrimento. Assim, o texto não visa propor o apagamento ou a negação do sofrimento psicológico nem se opor ao tratamento, mas sim apresentar reflexões e questionamentos a estruturas dominantes e expor que elas foram construídas e não naturais.

Referências

ALBUQUERQUE, F.; LOBATO, L. E. Identidade diagnóstica: por que estamos nos identificando mais com transtornos? **Valente**, n. 7, p. 25-26, set 2022.

ASSIS, M. de. **O alienista**. São Paulo: FTD, 1994.

FEIJOO, A. M. L. C. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: IFEN; Via Verita, 2011.

FEIJOO, A. M. L. C. Fundamentos fenomenológico-existenciais para a clínica psicológica. In: SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais [...].** Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008. p. 7-18.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, p. 72-88, 2011. Disponível em: https://pepsic.scielo.org/pdf/arbp/v63n3/07.pdf. Acesso em: 30 set. 2026.

FERNANDES, A. B. Medicalização e patologização da vida: como pensar a saúde mental na atualidade. **Revista Remecs: Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, [S. l.], p. 18, 2023. Disponível em: https://revistaremecs.com.br/index.php/remecs/article/view/1156. Acesso em: 9 ago. 2026.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde:** nêmesis da medicina**.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

NAÇÕES UNIDAS. OMS alerta que mais de 1 bilhão de pessoas vivem com transtornos mentais. **ONU News**, 2 set. 2025. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2025/09/1850854. Acesso em: 15 ago. 2026.

OGASSAVARA, D.; FERREIRA, T. da S.; TERTULIANO, I. W.; BARTHOLOMEU, D.; COSTA, J. F.; MONTIEL, J. M. Trilhas metodológicas para a revisão narrativa: orientações pragmáticas para sua elaboração. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 23, n. 3, p. 308-318, 2025. DOI: https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.3.10317. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/10317. Acesso em: 15 ago. 2026.

OGASSAVARA, D. et al. Concepções e interlocuções das revisões de literatura narrativa: contribuições e aplicabilidade. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 21, n. 3, p. 8-21, 2023. DOI: https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.3.7646. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/7646. Acesso em: 25 ago. 2026.

POTENTE, R. C. de O. L.; FELIPPE, J. M. S. Patologização e medicalização da vida escolar e o direito social à educação no Brasil. **Revista Exitus**, Santarém, v. 14, e024022, 2024. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602024000100212. Acesso em: 18 ago. 2026.

SANTOS, N. K. B. dos; SILVA JÚNIOR, A. F. da; FONTENELLE, P. S. A medicalização da existência segundo a fenomenologia de Merleau-Ponty. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 232-245, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300016. Acesso em: 21 ago. 2026.

TRINCA, Walter. **Diagnóstico Psicológico:** a Prática Clínica. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1984.

ZORZANELLI, R. T.; ORTEGA, F.; BEZERRA JÚNIOR, B. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6,

p. 1859-1868, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.03612013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/nqv3K7JRXxmrBvq5DcQ88Qz/?lang=pt. Acesso em: 19 ago. 2026.